

MEMÓRIAS DA ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA

CLASSE DE LETRAS

TOMO XLI

**Um brasileiro europeu: Joaquim
Nabuco**

JOÃO BIGOTTE CHORÃO



ACADEMIA DAS CIÊNCIAS
DE LISBOA

LISBOA • 2020

Um brasileiro europeu: Joaquim Nabuco

JOÃO BIGOTTE CHORÃO†

No ano em que morreu Joaquim Nabuco – 1910 –, nascia Miguel Real. Há coincidências que nos escapam, como se o vazio deixado por um homem ilustre tivesse de ser preenchido por alguém que havia de distinguir-se também na cultura do seu país e projectá-la fora de portas.

A imagem que temos de Joaquim Nabuco é a de uma personalidade pública respeitada e respeitável, um escritor e orador de verbo eloquente, uma estampa de homem que se impunha na tribuna e no salão. Este é o cliché do homem exterior, mas o retrato mais complexo, contraditório, inquieto e sofrido é o do homem interior. Não já a estátua ou busto de bronze ou de mármore, mas o homem de carne e sangue, dilacerado por paixões e perplexidades intelectuais, entre triunfos e fracassos que lhe granjearam admiradores e adversários, na luta incessante para encontrar o seu caminho nas encruzilhadas da vida.

Bem nascido – o pai era um senador do Império e senhor de engenho –, tudo parecia apontar-lhe uma vida sem grandes problemas. Educado por uma madrinha que foi como outra mãe, viveu a infância em meio rural. Cedo adquiriu o gosto da Natureza, que mais tarde apuraria na leitura dos grandes românticos, Rousseau e Chateaubriand. O trato com trabalhadores negros, vivia-se ainda em regime de escravatura, foi decisivo para conhecer outro mundo – o de homens marginalizados e maltratados. Não no engenho paterno, por obra e graça de sua madrinha tratados com mais humanidade. Brotava ali, na criança mimada, o germe da revolta contra a discriminação social. A campanha do abolicionismo, de que Nabuco seria um dos mais veementes arautos, lançara raízes naqueles verdes anos, e havia de ser o pomo de discórdia entre conservadores – os escravocratas – e liberais, em que se filiaria o futuro deputado.

Para prosseguir os estudos, o jovem Nabuco teve de abandonar o campo e partir para a Corte, onde viviam os pais. Aí fez o curso secundário e, em São Paulo, ingressaria na Faculdade de Direito, que parecia a mais indicada para alguém com vocação para as letras e inteligência dialéctica. Aí teve condiscípulos

que conquistariam também grande fama: o poeta Castro Alves, condoreiro “poeta dos escravos”, e Rui Barbosa, jurista e orador de recorte clássico. Mas foi no Recife, que adquirira maior prestígio universitário, que Nabuco concluiu o curso.

Tudo indicava que a advocacia seria a profissão azada para Nabuco. Mas ele apetecia outros horizontes, que não se exauriam na letra da lei. Abandonou a advocacia, como mais tarde Alceu Amoroso Lima, que sob o pseudónimo de Tristão de Athayde assinou os folhetins literários em que colaborava na imprensa. Assim que pôde, Joaquim Nabuco fechou os códigos e partiu para o Velho Mundo, obedecendo ao apelo de lugares onde imprimiram os seus passos autores muito do seu apreço – Rousseau, Voltaire, Chateaubriand, Byron. A outros, que ainda viviam, bateu-lhes à porta, como Renan, que recebeu com simpatia quem vinha de tão longe para o saudar e conversar. Na sua admiração por escritores que conhecia dos livros, teve um cordial encontro com George Sand, fascinada pelo *charme* daquele gentil-homem brasileiro.

As suas viagens proporcionaram-lhe também o conhecimento de mulheres de raro encanto. Observa o autorizado biógrafo Luís Viana Filho que Joaquim Nabuco, sedutor homem do mundo, era estranhamente tímido para representar o papel do lendário D. Juan. Amava a beleza, como um espectador que contempla uma obra-prima de pintura ou escultura, não ousando chegar à sua posse. Com nenhuma daquelas que cruzaram o seu caminho estabeleceu qualquer compromisso. Os anos foram passando, e com eles a mocidade, e só em idade madura veio a casar, com pessoa muito mais nova. Casamento feliz e fecundo, de que houve cinco filhos, entre eles Carolina, futura autora de uma biografia de referência do pai. O qual, por sua vez, publicara uma volumosa obra sobre *Um estadista do Império*, o conselheiro José Nabuco de Araújo, seu pai. Amor com amor se paga.

Rico em talentos, Joaquim Nabuco, se os não punha debaixo do alqueire, prodigamente os dispersava por uma certa propensão diletante. Multiplicava-se por mil actividades, sem se fixar em nenhuma. Daí que, durante muito tempo, não tivesse profissão e remuneração estável, o que o expôs a não poucas dificuldades financeiras. Mas, como um filósofo estoico, tão serenamente vivia a abundância como a parcimónia.

Como tantos homens da sua geração, Nabuco era anticlerical e alheio, se não indiferente, à Igreja. O cepticismo do celebrado autor da *Vie de Jésus* não deixara

de o contaminar. Confessava-se até pagão, certamente pela cultura que herdara da Antiguidade Clássica. No entanto, no seu gosto de se aproximar de figuras gradas, deixou à porta o anticlericalismo quando lhe foi dado visitar Pio IX – o Papa do Concílio Vaticano I e da proclamação do dogma da infalibilidade pontifícia – que o impressionou favoravelmente. Durante a campanha abolicionista e quando já era uma figura de grande prestígio e regressara à fé católica, Joaquim Nabuco voltou ao Vaticano para uma audiência com Leão XIII, no intuito de obter o apoio pontifício para uma causa não apenas brasileira, mas universal, porque dizia respeito à dignidade humana.

No estrito plano histórico, o nome de Joaquim Nabuco está indissolivelmente ligado à abolição, que só por si justificaria uma vida. Como figura pública, desempenhou cargos – deputado, embaixador – que foram acidentes de percurso de uma vida agitada. Fiel à Coroa e ao Imperador D. Pedro II e à Regente, Infanta Dona Isabel, em quem os abolicionistas encontraram uma aliada, Nabuco tornou-se suspeito aos seus correligionários mais ortodoxos, que o acusaram de incoerência e até de apostasia das ideias monárquicas. Nessa acusação distinguia-se o grande jornalista e polemista Carlos de Laet. Ora, se de alguma coisa se podia acusar Nabuco era de ser um homem livre.

Escândalo dos escândalos foi o de ter aceite o convite do Governo da República para representar o Brasil no conflito com a Inglaterra quanto aos limites da Guiana – questão eminentemente patriótica e não partidária. Aí pôs Nabuco todo o seu zelo, inteligência, cultura não só jurídica. A solução acabou por ser favorável à Inglaterra, com surpresa e desgosto de Nabuco, que no entanto saiu prestigiado pela competência com que se houve no caso. Em sucessivos governos republicanos o seu nome, apesar de indefectivelmente ligado ao ideário monárquico, foi avançado para ministro do Exterior, sem que nunca tenha sido provido nesse cargo.

Foi, efectivamente, nomeado representante do Brasil nos Estados Unidos. Imbuído da multissecular cultura europeia, Nabuco não tardou a adaptar-se a uma civilização edificada sobre uma filosofia pragmática. O brasileiro de tão fundas raízes nativas aderiu à doutrina pan-americana de Monroe. A Europa era então, com todo o seu poder territorial, imperial e militar como uma sombra pairando sobre a aurora das novas nações americanas. Que diria hoje o converso ao pan-americanismo frente a uma Europa precariamente unida e em processo

de decadência, confrontada com a hegemonia americana. Adepto do novo credo, Nabuco participou nos primeiros congressos que reuniram nações que punham a esperança na libertadora doutrina de Monroe. Essa foi a última ilusão ou o último sonho do idealista Nabuco. Antes dos 60 anos, estava muito desgastado por tanta agitação e tantos trabalhos. Nos Estados Unidos cada vez mais prósperos, Nabuco sentia-se saudosos do Brasil e só pensava em regressar para que o túmulo não ficasse longe do berço. Mas só postumamente regressou ao Recife natal, que prestou solenes honras fúnebres ao seu ilustre filho. Quisera ele antecipar a reforma para poder regressar à terra, mas o tempo da carreira diplomática não lhe permitiu realizar o que desejava. Desprendido de bens, não tinha o pecúlio necessário para acautelar o seu futuro e o da família.

* * *

Depois deste esboço biográfico para situar Joaquim Nabuco no quadro da sua época, impõe-se falar um pouco da sua obra e das suas ideias. *Scripta manent*: são eles que mantêm mais viva a sua memória. Numa vida agitada, dispersa e errante, Nabuco arranhou tempo para escrever – e escrever muito. Publicadas na década de quarenta do século passado, as suas Obras Completas (a cargo de Celso Cunha) abrangem 14 volumes. Obra de um polígrafo – jornalista, historiador, memorialista e moralista, poeta ainda, intermitente embora e menor em relação ao prosador. Como memorialista e moralista, dois títulos se destacam: *Minha Formação* e *Pensées détachées*.

Num país rico em literatura autobiográfica como o Brasil, *Minha Formação*, mais de um século depois, continua a ser um título de referência dessa literatura. Machado de Assis (e que voz mais autorizada e mais exigente se podia invocar), naquele seu jeito conciso e preciso, afirma que o livro “é melhor que memórias, posto que delas tenha parte”. E acrescenta: “Nem ele podia ser escrito sem recordações da própria vida e da vida pública”. Em carta ao autor, diz que é sobretudo “a história do seu espírito”. Da sua vida privada e da sua vida pública, só alguns capítulos e algumas personagens exemplares, nada mais que 300 páginas, que outro autor, com menos poder de síntese e de rigor de escolha estenderia por vários volumes, que matéria não faltava para eles. Houve, da parte de Nabuco, o intuito de seleccionar o essencial na formação do seu espírito. Daí o título do livro.

Há livros de memórias sem dúvida interessantes, mas que se tornam prolixos pela abundância de factos e de figuras. Tudo se equivale, os acontecimentos mais extraordinários e os mais insignificantes, os actores excepcionais e os figurantes obscuros, sem qualquer hierarquia que discipline a torrente da memória e dê a cada qual o lugar que lhe compete. Nada de memórias torrenciais, de uma exuberância que diríamos tropical, em que o leitor se perde como num labirinto. O que recomenda *Minha Formação* é precisamente a narração fluente, ao avesso da eloquência oratória de Nabuco. Insólito o juízo daquele inglês que achava as autobiografias “um dos produtos menos apetitosos da cozinha literária”. Quem tal dizia tinha decerto mau paladar.

A *Pensées détachées* dedicou um artigo Emile Faguet que nem de perto nem de longe sabia quem era Joaquim Nabuco (tomava-o, vá lá saber-se por que bulas, por um pseudónimo), revelando não só a atenção com que lera as reflexões desse espírito meditativo e como elas o impressionaram pelo fundo e a forma. Há escritores que, em vez de “*livres composés*”, voam muito alto num golpe de asa e dão em um subtil aforismo toda uma filosofia. Lá vêm, no texto de Faguet, Nietzsche e Pascal, a que hoje podíamos associar Cioran ou o venezuelano Gómez Dávila. Conhecemos graves cavalheiros que não se deslumbram com o clarão de um relâmpago e se deixam seduzir apenas com grandes fábricas literárias, de maciça erudição. Um historiador brasileiro, aliás de reconhecido mérito, não cala a maledicência quando traduz as meditações de Nabuco por “Pensamentos desconexos”.

Quem se rendeu ao talento aforístico de Nabuco foi ainda Machado de Assis, um dos primeiros leitores de *Pensées détachées*. A admirável e longa carta (ele tão contido) que escreveu ao Autor a agradecer o envio do livro é um fino comentário sobre ele. É uma verdadeira e própria crítica, como tal, a justo título, integrando um volume de crítica literária de Machado.

Se havia alguém que tivesse em grande conta a literatura fragmentária era o mesmo Machado de Assis. O qual, na referida carta, se confessa a Nabuco como velho e convicto leitor do Eclesiastes e de Pascal. Confortava-o o pessimismo desses autores. “Pensamentos – escreveu – valem e vivem pela observação exacta ou nova, pela reflexão aguda ou profunda; não menos querem a originalidade, a simplicidade e a graça do dizer.” Ousaremos pois dizer que, se Pascal tivesse escrito o livro apologético que se propunha fazer e não apenas os pensamentos

que chegaram até nós, Machado seria menos sensível à obra acabada do que aos esboços ou apontamentos. “As faculdades – reconhece ainda Machado – que exige [esta literatura] são especiais e raras; e é mais difícil vingar nela que em composição narrativa e seguida.” Qualquer um pode escrever melhor ou pior largas páginas; mas um aforismo, que sugere mais do que diz, como é difícil condensar nele uma densa sabedoria.

Justifica-se que abramos aqui um parêntese para focar *per summa capita* as relações destas duas figuras cimeiras da cultura brasileira, tão próximas e tão diferentes. Machado de Assis de origem modesta, aristocrata pelo génio, por mérito próprio conquistando o título de patriarca da literatura do seu País, fundador e primeiro presidente da Academia Brasileira de Letras; Joaquim Nabuco nascido numa família de pergaminhos e bens, com estudos superiores que lhe abriam perspectivas profissionais. Um escrevendo uma prosa de nua perfeição (como se tivesse podido ouvir o conselho de Drummond: “Escrever é cortar palavras”). O outro, mais homem de salão e de tribuna, com vocação oratória que se denuncia nos seus escritos. Ao invés do sedentário Machado, que viajava à volta do quarto e dos livros, Nabuco era um viajante entusiasta (contrariando Pessoa, não perdia, mas ganhava países e paisagens). A reservada sensibilidade de Machado defendia-o de exteriores emoções – por exemplo, a emoção colectiva da Abolição mal aflora numa página do *Memorial de Aires* (não confessa que “não há alegria pública que lhe valha uma alegria particular”?), enquanto Nabuco e todo o Brasil vibraram de exaltação patriótica nessa data memorável. Enquanto Nabuco chama “terramoto de Lisboa” ao regicídio – “o Tejo não merecia esta marca trágica”, exclama –, Machado limita-se, perante o mesmo acontecimento, a lamentar que D. Carlos, nas vésperas de visitar o Brasil, já não pudesse “dar um realce grande às festas”. Acrescenta que se alguém vier em vez dele, “não será a mesma coisa”.

Era sob essa fria máscara como que de indiferença que o grande escritor e o grande pessimista escondia uma sensibilidade que tinha o pudor de se expor. A correspondência com Nabuco é um perfeito exemplo de quem não faz literatura, um vivo documento afectivo, regozijando-se com os talentos e os triunfos do amigo, interessando-se e interessando-o pelos problemas da Academia, comentando com simpatia os seus livros. E a perda da sua boa Carolina põe a nu o desconsolo do viúvo condenado à solidão.

Em tudo e por tudo, Nabuco é humanamente o oposto de Machado, no temperamento emotivo, no rasgo verbal, na sedução que exercia sobre as mulheres, com a sua bela estampa de homem. Por uma dessas contradições da natureza humana, o charmoso Nabuco era um tímido com o belo sexo. Mas apreciava o seu convívio, fossem simples burguesas ou refinadas aristocratas. Lembra às vezes o nosso Ramalho Ortigão, no gosto das viagens e das artes, nas relações sociais onde brilhavam atrizes, prima-donas, condessas, princesas, gente de alto coturno. Um lado mundano aproxima os dois escritores, também no aprumo pessoal. Acontece que Nabuco e Ramalho vieram a encontrar-se, no Rio e em Lisboa. Em 1880, na solene inauguração da sede do Real Gabinete de Leitura, no Rio de Janeiro, discursaram Ramalho Ortigão e Joaquim Nabuco, ambos com o brilho da sua palavra e a imponência da sua figura. Já se haviam encontrado os dois em Lisboa, e no Parlamento Português Nabuco fora saudado pelo verbo eminente de António Cândido, por isso justamente chamado “águia do Marão”. O Gabinete Português de Leitura cedera as suas instalações à Academia Brasileira de Letras para esta se reunir enquanto não encontrasse instalação própria. Era pois o Gabinete de Leitura uma instituição familiar a Joaquim Nabuco, co-fundador da Academia Brasileira e seu primeiro secretário-geral, cabendo-lhe, nessa qualidade, fazer o discurso inaugural e intervenções em várias circunstâncias.

Depois de António Cândido, outro “vencido da vida”, Eça de Queiroz encontrou-se em Paris com Nabuco, certamente por intermédio de Eduardo Prado, íntimo do nosso escritor e, como o seu compatriota, indefectível monárquico. Rico diletante e *bon vivant*, a sua obra é apenas uma amostra do seu talento literário, dialéctico e polémico. Nele se terá inspirado Eça para a personagem do “Príncipe da Grã-Ventura” – o Jacinto d’ *A Cidade e as Serras*.

A inauguração da nova sede do Gabinete Português de Leitura coincidiu com o terceiro centenário de Camões. Os dois oradores oficiais, com os seus méritos literários, tinham também credenciais camonianas. Ramalho Ortigão escreveu o estudo para uma edição d’ *Os Lusíadas* promovida pelo Gabinete Português de Leitura, comemorativa da efeméride de 1880. Este estudo não foge a uma certa grandiloquência peculiar a eventos comemorativos. É uma exaltação do Renascimento e da sua magnificência, sedutora para alguém que na arte e na vida apreciava sobretudo o espectáculo. A moldura é tão esplêndida que Camões – que devia ser aqui o centro do quadro – como que passa a segundo plano. Em outra

efeméride camoniana – no ano de 1872 –, Nabuco escrevera sobre *Camões e os Lusíadas*. Numa revista, publicara um soneto de temática camoniana “Inês e Catarina”. Mas a poesia aparece-nos como o *violon d’Ingres* do bom prosador. Convidado, quando embaixador nos Estados Unidos, a proferir conferências em diversas universidades, Nabuco escolheu como tema, para todas elas, Camões, decerto por ser o mais universal poeta da nossa língua. Numa, falou de “O lugar de Camões na Literatura”; noutra, de “Camões, poeta lírico”; enfim, “Camões épico do amor” foi o que tratou na terceira conferência. Na lista dos seus autores que mais o marcaram não figura porém Camões nem nenhum escritor português. Nem sequer Vieira, com o seu génio oratório e a sua acção missionária em prol dos índios, o que para o apóstolo do abolicionismo não seria, de modo nenhum, despidiendo.

Segundo Graça Aranha, a atracção de Nabuco por Camões começara por uma motivação mais lírica do que épica – a do episódio de Inês de Castro. Por outro lado, reconhecia em Camões um clássico da língua portuguesa, que lutava por libertar-se da hegemonia do castelhano. Neste aspecto, acompanhava-o Machado de Assis que queria também “reclamar para a nossa língua o lugar que lhe cabe”, porque “é triste ver-nos considerados [...] em posição subalterna à língua espanhola”. Mas, embora não o expresse em textos como Nabuco, Camões era mais congenial para Machado, pela sua visão do desconcerto do Mundo.

A palavra a Graça Aranha: “Jamais [Nabuco] foi um camoniano no estrito sentido literário. Entre Camões e Nabuco não existiu o fluido íntimo, que tudo funde, e que identifica misteriosamente as essências dos seres. O seu culto é antes político, um acto de imaginação social, que lhe perdura como uma das forças motrizes do espírito. Ao passo que Machado de Assis é da família camoniana, não pelo sopro poético ou pelo interesse humano que seduz Nabuco, mas pelo classicismo do gosto e da forma, que se ajusta ao seu temperamento, como a disciplina inata. [...] Para Nabuco foi Camões principalmente o épico de génio que abriu à literatura o mundo moderno, arquitectado na ciência, inspirado pelo sentimento do universal; para Machado de Assis foi seguramente Camões o poeta que fixou a língua, que a tornou menos pedregosa [...]”.

Por palavras mais pobres, diríamos que Camões foi para Nabuco um tema académico, enquanto para Machado de Assis foi um estilo e um modelo.

Dos autores da sua formação, Nabuco nomeia Chateaubriand, o herói romântico de *René* e o arquitecto de um cristianismo ornamental, e nomeia Renan, o céptico *défroqué* que folheava a Bíblia com mãos de esteta. Afastando-se da filosofia positivista e do magistério renaniano, Nabuco regressa ao cristianismo e retoma leituras espirituais, com o decisivo concurso de sua mulher Evelina. É pensando nela que pode escrever gratamente: “A presença de uma mulher, que põe a crença em Deus à frente de todas as acções, cria na casa uma escola na qual os vossos filhos não serão os únicos a se instruírem; graças a ela a fé que acreditareis extinta em vosso coração, poderá renascer da cinza que ela terá reanimado à vossa revelia.” Voltava também ao seu Platão, que lhe rasgava horizontes que outros filósofos lhe haviam fechado. Mas parece excessivo falar de misticismo em Nabuco. Ele foi sempre um homem do mundo, sempre e em toda a parte curioso das coisas belas e boas da vida, de modo nenhum um asceta, de costas voltadas e olhos fechados para o espectáculo que nos é prodigamente oferecido.

Dissemos atrás que havia algumas afinidades entre Nabuco e Ramalho, na prosa tersa e nos gostos artísticos. Mas o autor de *Pensées detachées* tem mais vida interior e, portanto, maior capacidade introspectiva. Mas outra aproximação nos tenta, desta vez com Garrett, o “bruxo” Garrett, como lá diz Vitorino Nemésio. Numa velha edição popular das *Viagens na Minha Terra*, podia ler-se um prefácio não assinado, mas atribuído ao editor. Mas o estilo traía o homem – e esse estilo não podia ser outro senão o do mago Garrett. Há quem, sem títulos para isso, se enfeite com penas de pavão. Ora, naquela página autobiográfica, o anónimo autor não se atribui predicados que não sejam seus: o domínio de línguas que lhe permitem ler no original escritores clássicos; familiaridade com o próprio idioma para o usar tanto em registo erudito como popular; para redigir com a mesma facilidade uma obra literária, um parecer ou um projecto de lei; para falar com o mesmo à vontade no parlamento ou numa tertúlia mundana.

Joaquim Nabuco, como Garrett, recebeu também muitos talentos, que pôs a render como escritor, orador, diplomata, homem de grande encanto pessoal. Sugerido o seu nome para chefiar a representação diplomática do Brasil em Lisboa, não chegou a ser nomeado. Desempenhou outros cargos na carreira diplomática, em Londres e Washington. Mas o lugar que ele almejava – o Vaticano

– não foi seu. Já ali não encontraria Leão XIII, que Nabuco quis que, com o seu alto prestígio, apoiasse publicamente a nobre causa do abolicionismo, pois o pontífice era já o doce Papa Pio X. Para Nabuco, a Santa Sé seria a última estação de um peregrino que navegara por tantos e contrários mares.

(COMUNICAÇÃO APRESENTADA À CLASSE DE LETRAS
NA SESSÃO DE 24 DE MARÇO DE 2011)